

CASCAIS NA HORA DO FESTIVAL

UM FRIO COMEÇO JAZZ, A QUANTO OBRIGAS!

A tensão do quotidiano, a falta de dinheiro, o pouco interesse do programa que ontem abriu o festival de «jazz» em Cascais podem ter sido as razões que, a quem se der ao trabalho de as procurar, motivaram uma pequena quebra na habitual aderência do público ao principal «happening» de música popular entre nós. Protegido por um extenso cordão de polícias — a evitar as «baldas» à compra dos ingressos —, o pavilhão albergou um número de espectadores muito abaixo da sua lotação limite, que se tem calculado em 6 mil pessoas e tem sido, também, largamente ultrapassada em ocasiões de maior apelo, o que já causou até situações desastrosas (o segundo dia do concerto dos Genesis foi um exemplo).

Ao contrário dos outros anos, foram menos os sacos-cama para passar a noite — após o festival —, os «tibetanos», as camisolas peruanas e os gorros de lã de confecção artesanal. O público, muito jovem na maioria, assistiu ordenadamente e dispersou sem perturbações.

«HELLO — BLANCHE — DOLLY!»

«Desconfio um pouco de «jazz» branco» — disse-nos, ontem, durante a actuação do quarteto de Arild Andresen, um dos espectadores. Esta reacção, comum a muitas pessoas, poderá ser considerada um preconceito. No entanto, a avaliar pela reacção dos cerca de dois mil espectadores presentes face à actuação de Karin Krog e do próprio quarteto de Arild Andresen e, mais tarde, à do New York Jazz Repertory, talvez se possa arriscar uma generalização.

Arild Andresen (contrabaixo), Juhani Altonen (sax, tenor, clarinete, flautim), Jon Balke (piano) e Pal Thowson (bateria) abriram o festival pontualmente, pouco passava das 21 e 30.

«You're My everything», «God bless the Childs», «Mister Joy», e «Sing me softly the Blues» «Who cares» — alguns dos temas

que Karin Krog cantou, cuja voz encontrou pouca receptividade nos ouvintes que, logo nos primeiros acordes do quarteto, galgaram, como de costume, o gradaimento que os separava da plateia e aí se concentraram, para receber com entusiasmo a contagiante Blanche Thomas — em vestido longo verde-alface de rutilantes debruns. Integrada no New York Jazz Repertory, que evocou a música de Louis Armstrong, consistiu brutal contraste em relação à seráfica presença de Karin Krog no palco (de óculos escuros e fato preto). Blanche, com o largo sorriso e a gargalhada constante, saracoteou-se no pouco espaço de que dispunha no estrado, fazendo uma breve mas espantosa demonstração do que devem ter sido, no princípio do século, os funerais de negros de Nova Orleães. A juntar à comocção que a orquestra conseguiu arrancar aos ouvintes foi projectado um curto sketch sobre o trompetista Armstrong, em que ele (para quem, com dificuldade, conseguiu perceber um pouco das suas palavras, em inglês) falou das suas composições e também cantou um pouco.

RUI NEVES CONTESTOU A ORGANIZAÇÃO DO FESTIVAL

Entretanto, durante o concerto, foram distribuídas cópias de um texto de Rui Neves (do Plexus), tendo como ilustração a caricatura de Villas-Boas junto de uma lápida em que se lê «Aqui jazz», feita por Carlos Zingaro.

Com o subtítulo «Mais uma sessão para deliciar» e com o título «Cascais Jazz e o Kapital», o texto contesta a organização do festival acusando-a de capitalista. A publicidade refere, mais adiante, o aproveitamento que a sociedade fez do «jazz», «uma música originariamente marginal», com a intenção de ali recolher os seus lucros. Rui Neves fala, ainda, sobre a ausência do músico de vanguarda Cecil Taylor, que respondeu ao convite que

lhe foi dirigido para participar no Cascais Jazz com inconcebíveis exigências materiais que não era possível satisfazer, sendo isso interpretado como uma clara oposição, por seu turno, à organização do festival.

CRISTINA BAPTISTA

Nenhuma forma de arte está dissociada da interacção de estética e sociologia. Toda a análise nos levará a esta síntese e é num itinerário inverso que se encontram as etapas da evolução que se procura seguir. O jazz é, antes de mais, uma consequência dos condiciona-

mos sociais dos negros dos Estados Unidos.

Esta é a mais sucinta das suas determinantes. Porém outra existe que lhe é igualmente intrínseca: a sua forma de organização sonora. Deste modo, uma expressão musical com as suas leis próprias que não se processa isoladamente mas antes em simultaneidade e em participação, quer consciente, quer inconsciente, com toda a cultura contemporânea. Unicamente contemporânea se entendermos por jazz a forma que se propaga no mundo ocidental, mais ou menos a partir dos anos vinte, a despeito das suas ancestralidades que remontam a épocas distantes, tendo em mente as suas origens geográficas e a perspectiva das suas etnias.

É no aspecto musical que entendemos merecer a pena analisar a primeira sessão do Festival de Cascais, realizada ontem na presença de um público mais receptivo do que numeroso. Um público predisposto a aceitar o nível não muito elevado, diga-se desde já, das intervenções.

A iniciar a sessão um grupo norueguês com alguma preparação no ponto de vista individual e pouca no aspecto colectivo, tendo, no entanto, um «leader» no contrabaixo que sobressai em domínio técnico e em personalidade. O grupo chama-se Quarteto de Arild Andresen, precisamente o nome do contrabaixista, o que é sintomático.

De colaboração com este grupo, cuja actuação foi bastante longa em relação à sua limitada imaginação criativa, apresentou-se a vocalista, também no-

rueguesa, Karin Krog, que a semelhança do grupo norueguês, não se afasta da tendência para o «eclectismo» que se infiltra no jazz a partir dos anos sessenta. Dai, talvez, o seu êxito.

A segunda intervenção foi o conjunto de americanos quase todos brancos, New York Jazz Repertory Company que, como novidade, deu uma retrospectiva do repertório de Louis Armstrong, tendo a «presença pós-tumana» (passe a expressão) do grande músico em breves passagens cinematográficas que em nada favoreceram a imagem que se formou mundialmente dessa figura magna da música de jazz. Antes pelo contrário. Este grupo, um «jazz-band» com dez componentes, subordinados a uma escrita determinista, contém músicos de um bom nível instrumental, mas sem grandes rasgos, individualmente ou em conjunto.

Teve a colaboração de uma vocalista veterana, uma negra «explosiva», com uma voz possante e ampla, como se caracterizava a cantora de jazz de tempos mais recuados. Com o tom metálico da sua voz reforçada excessivamente pelo microfone (a propósito, a instalação sonora deixou muito a desejar) com a sua expressão corporal impulsiva, Blanche Thomas, veio despertar o público de uma certa sonolência em que tinha caído. Mas fê-lo exaustivamente, entrando no grotesco, banalizando, por assim dizer, a sua participação. Os fins não justificam todos os meios.

MANUEL DE LIMA

CINEMA

AS CONFIDÊNCIAS de um capital muito acolhedor...

Correspondendo à ausência de uma efectiva descolonização interna do povo português, de uma autêntica revolução cultural, de um projecto realmente socialista para este país, a colonização e a submissão a padrões «culturais» estrangeiros, a impunidade do capital multinacional estrangeiro continua. In-tacta.

Lenta, mas eficazmente, todo um povo tem sido desmobilizado de uma revolução a fazer.

Por uma acção concertada que parte do capital nacional e estrangeiro apostado em manter os seus privilégios, em descobrir e desenvolver novas formas de alienação, novos «divertimentos» que distraiam este povo das suas tarefas e preocupações fundamentais.

Daqui a superabundância de filmes eróticos ou pseudo-pornográficos por esse país fora. E a que não escapam sequer os chamados cinemas-estúdios, as salas de «arte e ensaio» onde de facto se vêm a experimentar, salvo uma ou outra excepção, novas formas de alienação e de ocultação deste povo-público.

Assim de «Madly a Outra Mulher» de Roger Kahane, e «Júlia e os Homens» a «Confidências de um Leito muito Acolhedor» a diferença está apenas nos ingredientes com que são feitos face ao tipo de público a que se destinam. O que demonstra claramente que os distribuidores também conhecem a divisão da sociedade em classes. Donde, para uns, o Castil e o Roma e todos os requintes da arte cinematográfica, as vedetas célebres (Alain Delon, Mireille Darc e Sylvia Kristel) e, para outros, o Politeama e uma película artesanal que explora, de uma forma muito mais primária, os recalques e as frustrações sexuais do espectador.

Mais uma vez assim se consagra o critério «racista» e de

discriminação de distribuidores-exibidores. Ou seja a cada público o seu brinquedo... Sem se sugerir a censura (embora ninguém fale na censura económica que ocupa quase todas as salas com estes filmes, impedindo a exibição de obras válidas), é indispensável uma descolonização cultural, um projecto de revolução cultural a fazer-se. Urgente. Mobilizando todo um povo. E pondo fim à agressão do capital, e a sua subtil acção de sabotagem a uma cultura revolucionária.

TITO LIVIO

QUATRO NOVOS CINEMAS NUM SÓ: O QUARTETO

O público de Lisboa tem, desde ontem, mais quatro salas de cinema, integradas num conjunto denominado Quarteto, que se localiza na Rua Flores de Lima, perto de Entrecampos (onde funcionou a Casa Regional de Tomar). As quatro salas, com uma média de 170 lugares cada — para cujo funcionamento trabalham 22 pessoas — oferecem aos cinéfilos quatro filmes diferentes, a horas que se ajustam aos diversos interesses dos espectadores, efectuando-se sessões, na sala 1, às 15, 17, 19, 21 e 23 horas; na sala 2, às 14, 16 e 15, 18 e 30, 20 e 45 e 22 horas; na sala 3, às 14 e 15, 16 e 30, 18 e 15 e 21 horas; na sala 4, às 14 e 30, 16 e 15, 19 e 21 e 20, num total portanto de doze sessões diárias.

Os preços dos bilhetes no novo cinema — onde não há lugares numerados —, são de 27\$50 para as sessões da tarde e de 32\$50 à noite.

Para assinalar a inauguração das quatro novas salas de cinema, a gerência do Quarteto enviou convites a diversas individualidades, entre as quais a representantes dos órgãos da Informação. Lamentamos que os promotores desse acto inaugural, marcado para o meio da tarde de ontem, se tenham dele esquecido, pois não havia ninguém para receber os convidados, nem qualquer pessoa, idónea, que fornecesse elementos sobre o empreendimento. Chegou-se, olhou-se e falou-se... com gente estranha ao Quarteto.

S. M.

MAIS POLÊMICO QUE «O EXORCISTA»

O DIABO DENTRO DELA

BREVEMENTE

INTERDITO a menores de 16 anos

publicidade

DOPEFILME

AVIS ESTREIA — 2.ª-FEIRA
ÀS 15.30 HORAS

FRANCO FRANCHI
CICCIO INGRASSIA

são o conforto de 3 inconsoláveis e desvairadas senhoras

Dominique Boschero
Margaret Lee
Rossella Como

AS VIUVAS ALEGRES

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

EASTMANCOLOR

EM complemento: ANTOLOGIA TAURINA, de 1900 à actualidade num notável repositório de imagens

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
MÁQUINAS DE 25 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
MÁS DE 80 J. HORAS

AMANHÃ
MATINÉE ÀS 17 H.

JINGLES
VEGETAS DA RÁDIO
E DATV INGLESA

FREDIANI BROTHERS

MARIA JO

BENTYBER DANCERS

FERRER TRINDADE e sua orquestra
BANDA DIPLOMÁTICA
e «MOZAMBEATS»

MAIORES DE 13 ANOS
PREÇOS
CHA COMPLETO, 70\$00
(Taxas e impostos incluídos)

****TEATRO****
LAURA ALVES
Telef. 86 47 56

É MESMO... REVISTA!!!
2 HORAS DE BOA DISPOSIÇÃO
A MÃO NO AR...
E O PÉ ATRÁS!!!

HOJE: 20.30 e 22.45 horas
Amanhã à tarde, às 16 h.
2.º MÊS de ÊXITO